

# CORPO E VOZ: O QUE É UM AUTOR NO DISCURSO POLÍTICO?

Carlos PIOVEZANI (FECILCAM/UNESP)  
[cpiovezani@terra.com.br](mailto:cpiovezani@terra.com.br)

## Introdução

*Ah! Comme on aurait besoin qu'il eût ici-bas dans nos affections un indice assuré pour discerner les cœurs, trier la vraie tendresse et celle qui nous ment! Il faudrait que tout homme eût deux timbres de voix: l'un pour la loyauté, et l'autre à tout usage. Ainsi, l'accent loyal démasquerait la fraude du cœur coupable, et nous, nous ne serions plus dupes!*

Eurípides, *Hipólito*, 920-927

Face à suposta dissimulação de Hipólito, Teseu manifesta um desejo que lhe precedia e que lhe sucederá, chegando os dias contemporâneos: o de conhecer as inclinações invisíveis da alma, a partir de marcas visíveis do corpo. Em tempos diversos, de distintos modos, uma antiga e constante propriedade antropológica impele-nos a tentar identificar a bondade e a maldade, a verdade e a mentira em traços inscritos no corpo, no rosto e na voz<sup>1</sup>. O mecanismo, presente em práticas cotidianas, parece intensificar-se à medida que nos aproximamos de determinados campos sobre os quais recaem não poucas suspeitas. Estigmatizado por sua configuração formal e censurado por seu conteúdo ludibriador, o discurso político não desfruta uma boa reputação. A antiga desconfiança<sup>2</sup>, que freqüenta o dizer político e nele promove uma constante busca pela produção de efeitos de verdade, investe-se de novas nuances em nossos tempos. Desde a Modernidade, a consonância entre a paulatina consolidação de valores igualitários, o recrudescimento do individualismo, a constituição das sociedades de massa e o desenvolvimento de tecnologias de som e imagem produziram significativas metamorfoses nos pronunciamentos político-eleitorais transmitidos pela televisão, de modo que, em detrimento de sua condição de fala pública, eles se assemelhem cada vez mais a conversas privadas. Ao adotar um estilo dialógico-conversacional e desempenhar sua performance televisiva, o enunciador do discurso político-eleitoral mobiliza diversos recursos, com vistas a produzir a autenticidade do dizer e a verdade do que fora dito. O processo, reiterado ao longo de todo o HGPE das eleições presidenciais de 2002, pode ser observado na passagem, abaixo reproduzida, de um pronunciamento de Lula. Trata-se de uma intervenção em tom seguro, mas não enfático, na qual o interlocutor é interpelado de maneira direta e informal. Diferentemente dos tumultos das massas, diante de um palanque, em espaço público, a imensa multidão telespectadora é

---

<sup>1</sup>. No que respeita à voz, nossa busca reforça a idéia de que a presença do ser tem na voz uma sede privilegiada; aí reside a “metafísica da presença”, que se instaura explicitamente a partir do logofonocentrismo platônico e se estende até a fenomenologia husserliana, em relação aos quais Derrida irá se opor: *On s'étonnera moins devant l'effort tenace, oblique et laborieux de la phénoménologie pour garder la parole, pour affirmer un lien d'essence entre le logos et la phoné, le privilège de la conscience n'étant que la possibilité de la vive voix. Que le privilège de la présence comme conscience ne puisse s'établir que par l'excellence de la voix, c'est là une évidence qui n'a jamais occupé dans la phénoménologie le devant de la scène.* (2003, p. 14-16).

<sup>2</sup> Derivada das diferentes formas de não coincidência entre o que se fala e o que se pensa: “Minha língua prestou juramento, mas meu coração não o prestou.” (Aristóteles (*Retórica*, Livro III, cap. XV), citando uma passagem do *Hipólito*, de Eurípides).

composta por indivíduos que vêem e ouvem o candidato no conforto e no isolamento de suas salas. O estilo da fala parece adequar-se bastante bem ao ambiente doméstico em que ela é recebida, visto que o pronunciamento assemelha-se a uma “conversa”:

É exatamente por isso que nesse momento **eu quero ter uma conversa franca com você**, eleitor brasileiro. **Existem algumas coisas que você precisa saber, de forma bem clara e objetiva:** coisas que dizem respeito a mim, a você e ao futuro do Brasil. [...] **Essa é a mais absoluta verdade** sobre a crise econômica brasileira. **E quem disser outra coisa, está tentando enganar você.** Foi com esse espírito de alerta e responsabilidade que lancei a Carta ao povo brasileiro, em junho passado.

Em conjunção com as formas lingüísticas, o corpo e a voz produzem efeitos de verdade por meio do olhar em *close*, dos gestos e da duração, altura e intensidade sonoras. A despeito da produção desses efeitos no que se diz, dada sua pecha de mentiroso, o discurso político precisa ainda e, talvez, sobretudo construir a autenticidade do dizer. Considerando seu alcance heurístico, a abordagem dessa construção, a partir da dimensão sonora da fala pública político-eleitoral, se nos apresenta possível e pertinente. A voz do político profissional é o elemento sonoro de uma subjetividade e o coro institucional de vozes que o sustenta. Mas, o dono da voz é o autor do texto que ele profere? A autoria torna-se, portanto, uma noção adequada para a análise do discurso político? A “função autor” (Foucault, [1969] 1992) incide sobre a responsabilidade pela produção de certos textos, em determinados campos discursivos, a partir da Era Moderna. Com efeito, não é exatamente esse o caso, quando se trata de discurso político. A partir de Foucault, a Análise do discurso estendeu a reflexão sobre a autoria a outras paragens (Orlandi, 1996; Gregolin, 2001; Lagazzi, 2006; Piovezani, 2007; Souza, 2008). A consolidação e o desenvolvimento da disciplina não implicam, contudo e evidentemente, sua suficiência e esgotamento. Na esteira dos estudos discursivos, voltemo-nos ao que poderia ser concebido como certa faceta da configuração do autor em pronunciamentos político-eleitorais televisivos. Sua textualização e circulação desafiam a lógica da procedência, na medida em que a voz que o atualiza não se confunde necessariamente com a “fonte” de sua formulação. De modo análogo ao exercício do ventríloquo, em que a projeção da voz tende a fazer oscilar nosso olhar da boca do boneco para os lábios de seu manipulador, a fim de tentarmos apreender um índice qualquer que revele o ardil da simulação, o marketing e a assessoria política atraem nossa atenção e fomentam o descrédito que nutrimos em relação ao dizer do político e ao que é dito por ele. A questão da autoria é aqui permeada por uma divisão no regime de trabalho, em consonância com uma intersecção entre as duas modalidades lingüísticas, a escrita e a oralidade. À voz do político, em conjunto com algumas marcas lingüísticas conversacionais e de oralidade, caberá dar aos pronunciamentos escritos pelos logógrafos de nossos dias um aspecto subjetivo, com o propósito de simular autenticidade, espontaneidade e franqueza. Ao refletir sobre esse fenômeno, constatamos, uma vez mais, que a política não se encerra na fala, mas começa por ela, no encontro entre os homens. Em todas as sociedades, o exercício do poder passa pela fala e a fala, pela voz, em cujos padrões talvez possamos encontrar certas metáforas dos tempos.

## Referências

- ARISTÓTELES. [384 a.C. - 322 a.C.] *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro, sd.
- DERRIDA, J. [1967] *La voix et le phénomène*. Paris: PUF, 2003.
- EURÍPIDES [480-406 a.C.]. “Hippolyte”. In: *Les tragiques grecs*: Eschyle, Sophocle, Euripide (Théâtre complet). Paris: Éditions de Fallois, 1999. p. 897-950.
- FOUCAULT, M. [1969] *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.
- GREGOLIN, M. R. V. “A autoria: entre a memória do dizer e seus deslocamentos”. In: *Estudos lingüísticos*, no. XXX, Marília, 2001, p. 96-113.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. “Texto e autoria”. In: ORLANDI, E., LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Introdução às Ciências da linguagem*: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-103.
- ORLANDI, E. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz*. reflexões sobre o discurso político brasileiro contemporâneo. (Tese de doutorado). FCL-Ar/UNESP, 2007.
- SOUZA, P. “A autoria no trajeto da voz”. (Comunicação oral). Jornada Internacional de Estudos do Discurso, Maringá, 2008.